

DO ELDORADO

cômodo de tijolo, construído no fundo do lote cercado com arame farpado.

Genivaldo não gostou do bairro. Acheu feio demais. A mulher Marizete ficou ainda mais tímida. Sente que está incomodando a família da sobrinha. Passa os dias lavando roupa no balde e ajeitando a casa. Como que para compensar o incômodo que acreditam estar causando. Genivaldo não pára mais no barraco. Não agüenta o calor que as telhas de amianto e a madeirite trazem para dentro do lugar.

E começa a ficar ansioso. "O dinheiro vai embora que nem água", desespera-se o sertanejo. Ele acha que está gastando muito em muito pouco tempo. Mais R\$ 65 já se foram só nessa primeira semana com passagens de ônibus e o pão e o leite das meninas. É que ele percorreu Ceilândia e Barragem de Santo Antônio do Descoberto atrás de um cantinho de morar.

Mas não tem sido fácil. Há uma semana apenas na capital, desde que deixou o sertão da Bahia, Genivaldo já foi obrigado a mudar os planos que tanto pensou e repensou antes de vender tudo o que tinha em Irecê e embarcar para a capital. O dinheiro que conseguiu pela casinha de tijolo adobe e pelo pedaço de chão seco não vai dar para comprar um barraco na cidade onde ele queria morar.

"Uma casinha mais ou menos em Ceilândia, que tá me agradando, custa de R\$ 14 mil a R\$ 15 mil", lamenta o sertanejo que já não tem mais nem os R\$ 7 mil no bolso. "O jeito vai ser comprar uma casinha por aqui mesmo, nesse lugar feio", conforma-se Genivaldo apontando para a rua poeirenta, na periferia de Planaltina.

DAS MIGALHAS DA CAPITAL

Dentes estragados abertos, os migrantes dizem que são felizes, mesmo vivendo em condições subumanas

Assim como Genivaldo, outras levas de migrantes que aportam em Brasília têm os sonhos frustrados. E, muitos chegam em situação bem pior. Sem nenhum dinheiro no bolso, acabam indo parar no meio do lixo, debaixo de pontes ou de árvores à beira das pistas. Mesmo vivendo em condições subumanas, a maioria se acostuma à nova vida e abre um sorriso de dentes estragados para dizer que é feliz.

Pesquisa feita, em 1995, pela então Secretaria de Desenvolvimento Social e Ação Comunitária sobre a população de rua em Brasília aponta a Bahia como o estado que mais exporta gente para o Distrito Federal. O índice de 26,3% é muito superior ao do segundo colocado — Pernambuco, com 8,51%. O estudo ainda revelou ser a região de Irecê, no sertão baiano, a origem da maioria dos migrantes que vagam pelo capital.

São sertanejos pobres que fogem da seca que não deixa as lavouras de feijão, milho e mamão-



Gilvanete de Jesus mora numa comunidade que reúne 30 pessoas que vieram de Irecê e que vivem de separar papel, papelão e latinhas

na (principais culturais da região) vingarem. Sem destino certo, acabam vindo para a cidade que tem fama de ser o lugar onde se ganha dinheiro mais fácil.

Mas nem todos os miseráveis suportam viver do lixo de Brasília. Muitos vão parar nos centros de Apoio Social atrás de uma passagem de volta para o sertão. Se a prefeitura de Irecê liberou 200 passagens de janeiro a setembro deste ano para migrantes que queriam vir para Brasília, o Governo do Distrito Federal também gastou recursos para mandá-los de volta. Foram 121 passagens só para famílias de Irecê.

"Os migrantes vêm à procura de emprego, mas os prefeitos de suas cidades deviam fazer campanha de conscientização. Essas pessoas mal sabem escrever o nome, só sabem trabalhar na roça e nosso índice de desemprego também é alto", diz o capitão Antônio Joaquim de Souza, diretor do Centro de Apoio Social, em Taguatinga. "Acabam sofrendo mais aqui."

A situação de apuro já começa a rondar o lavrador Genivaldo que desespera-se atrás de emprego. Expulso de Ceilândia, onde pretendia começar a vida como camelô, o lavrador procura emprego de faxineiro e ajudante de pedreiro. Por enquanto, no entanto, ele é só mais um na multidão de 200 mil desempregados do Distrito Federal. "Agora não tem jeito de voltar. Vendi tudo que tinha em Irecê e preciso juntar dinheiro para pagar os R\$ 4 mil que devo pro Banco Nordeste", lamenta.

UMA CARONA DE 13 DIAS

Félix veio de Irecê, mas andou mais a pé do que de caminhão. Hoje cata latas de refrigerante para viver

Apesar de toda a dificuldade, a família de Genivaldo abandonou Irecê em condição financeira muito, mas muito melhor do que a maioria dos seus conterrâneos. O sertanejo Félix Gomes da Silva, 22 anos, deixou o sertão, há um ano e três meses, com a roupa do corpo e duas mudas de roupa. Não tinha um real sequer. Para vencer os 1.179 quilô-

metros que separam Brasília de Irecê, o baiano usava o dedo para conseguir carona. Gastou 13 dias numa viagem que dura 19 horas de ônibus.

"Andei mais a pé do que de carona", conta o baiano queimado do sol, que não tem mais do que um metro e meio de altura. Desde que chegou, dorme debaixo das árvores à beira das pistas de Sobradinho. A cidade é a porta de entrada dos migrantes que vêm do Norte e Nordeste. Por todo lado, vê-se homens, mulheres e crianças desnutridas e sujas enfrentando a nova vida miserável.

Félix tem sobrevivido do lixo. Da cata de latinhas de alumínio e de papel, que vende para

serem reciclados. Arrumou uma companheira que já tinha duas crianças e com quem teve Luciene, um bebê risonho, de três meses.

"Nunca pensei que ia morar debaixo de um pé de pau. Pensei que ia ter pelos menos um ranchinho pra morar aqui em Brasília. Mas pra Irecê é que não volto. Lá é tão ruim que até a água dá dor de barriga", diz o baiano que vivia de plantar e colher feijão nas roças dos outros.

Maria Aparecida da Conceição Silva, 21 anos, é outra baiana de Irecê. Mora de segunda a sexta-feira sob uma árvore do canteiro que divide a pista que passa em frente à rodoviária de Sobradinho. O plástico preto

que serve de cobertura é recolhido logo de manhã e escondido no mato. Um jeito de driblar os fiscais do governo que saem destruindo os barracos. De noite, o plástico é novamente esticado. Ela vive de esmola e da venda das latinhas que cata nos sacos de lixo.

Desde que saiu de Irecê, aos 5 anos, com os pais e uma irmã mais velha, Aparecida acostumou-se a perambular pelas ruas. Nunca mais voltou para Irecê, mas quando não está em Brasília parte para Barreiras, na Bahia. "Aqui mesmo vou ficar só até o Natal quando sempre aparece um filho de Deus para nos dar cesta básica", diz a mulher desdentada, pé no chão e que veste camisa da seleção brasileira.

No amplo cerrado no Setor de Clubes Sul, perto do Clube dos Servidores do Ministério da Fazenda (Assefaz), há um amontoado de barracos de madeirite em meio a muito lixo, mosquito e fezes de cachorro e cavalo. A imundície é tanta que ao entardecer, as famílias são obrigadas a botar fogo no lixo para afugentar os ratos. A fumaça invade os barracos e torna o ar quase irrespirável.

É nesse lugar fétido onde se esconde uma comunidade de baianos de Irecê. A família de Gilvanete Maria de Jesus, 45 anos, está entre o grupo de mais de 30 pessoas. Ela chegou a Brasília há 14 anos, com o marido e cinco crianças. Teve outros cinco filhos e ganhou quatro netos. Todos vivem de separar papel, papelão e latinhas dos sacos de lixo que roubam das lixeiras do Plano Piloto. Ainda assim, em meio à vida miserável que levam, voltar para a cidade natal é tudo que não querem.

"O lixo é o nosso ganha pão, minha filha. É o ouro e a esmeralda da gente", diz Gilvanete que nesse dia vende a sujeira da porta do barraco e reclama da dor de dente. Silvana Maria de Jesus Freire, 28 anos, é sobrinha de Gilvanete. Ela, o marido e os dois filhos deixaram, em 1994, o povoado de São Gabriel, no município de Irecê. O marido, José Hélio, trabalhava nas roças de feijão, "arrancando toco", mas o dinheiro não dava para matar a fome.

Decidiram partir. Chegaram a Brasília de carona, na carroceria de um caminhão. Com o dinheiro que tinham — R\$ 5,00 — compraram bolacha para enganar a fome de Ana Célia e Luciano (hoje com 7 e 6 anos) na viagem. Assim como a tia e a irmã Maria da Conceição, 36 anos, não pensa em voltar para Irecê. "Lá a casinha da gente era melhor, mas o ganho daqui é muito bom", diz Silvana, enquanto enfia a mão nos sacos de lixo. Por quinzena, ela consegue R\$ 100,00 com a venda de papel branco e papelão. "Fora as latinhas", lembra.



Desde que chegou, há um ano e três meses, Félix Gomes e a família têm que dormir sob as árvores